



DIÁLOGO COM UMA ATRIZ EM SEU PROCESSO CRIATIVO CÊNICO.

RosiMeire Da Silva¹

O processo de busca e descoberta de sua própria voz, leva ao encontro de sua força singular. Várias vozes surgem, a que acaricia, mas também a que fere (Ana Cristina Colla).

A proposta deste texto é dar voz à atriz. Portanto a atriz Ana Cristina Colla foi convidada para falar sobre a relação entre a representação da mulher na cena e a sua prática de treinamento psicofísico.

Como atriz e pesquisadora reconheço a necessidade de discutir teatro e gênero. Tal necessidade nos apresenta indícios de apontamentos nas áreas acadêmicas e artísticas, isto pode ser percebido pelos esforços que vem sendo realizados por algumas pessoas que se interessam por esta discussão. Assim, ressalto alguns exemplos de trabalhos que vem se realizando sob este aspecto.

Aponto a produção de Lucia V. Sander, de Brasília, onde suas performances revêem a posição que as mulheres estão ocupando na cena teatral, isto tanto em sua criação artística quanto em sua produção de escrita performática e acadêmica. Outro é o trabalho desenvolvido pela ONG Louca de pedra lilás, estas pernambucanas que se assumem como um grupo teatral feminista e estão ativas em sua criação artística e social. A atriz e pesquisadora Lúcia Romano, de São Paulo, em suas pesquisas de corporeidade e processos de criação, não deixa de dar ênfase ao gênero em suas discussões. A pesquisadora Vera Collaço que desenvolve estudos sobre “teatro de revista” e aponta aspectos desta linguagem e investiga as relações de gênero neste contexto teatral. Outra respeitável pesquisa é realizada por Elza Cunha Vicenzo, “Um teatro da mulher”, publicado em 1992, que discute a dramaturgia da mulher no contexto brasileiro contemporâneo. O historiador Gabriel F. Jacomel, em Florianópolis, desenvolveu uma pesquisa que discute as influências dos feminismos e dos movimentos de mulheres na produção teatral nos países sul-americanos, entre as datas de 1975 até a metade da década de 80. Segundo este pesquisador trata-se da “década em que as noções em torno da feminilidade se tornaram o cerne de calorosos embates nos meios-de-comunicação- uma verdadeira batalha discursiva visando moldar as relações de gênero”.

Outra referência significativa é O grupo Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, de Porto Alegre (RS), com o seu espetáculo *Kassandra in process*, trata-se de uma criação coletiva que também traz como tema características do feminino, isto com base em estudos teóricos que

¹ Mestranda em artes cênicas no PPGT/CEART/UEDESC. Orientadora: Profa. Dra. Maria Brígida de Miranda



perpassam por questões feministas e assumem essa postura política, transpondo-a de forma sutil para a cena teatral brasileira contemporânea.

Ainda nos exemplos de pesquisa neste âmbito, outra produção relevante é a pesquisa que Maria Brígida de Miranda² vem realizando desde 2006 dentro do departamento de artes cênicas da UDESC. Em que além de promover pesquisas científicas, também, organizou simpósio, leituras dramáticas, grupos de estudos teóricos que possibilitou o desenvolvimento de um laboratório prático cênico (em atividade desde março de 2010). E orientou TCCs que discutem a relação entre teatro e gênero, contribuindo nas reflexões da mulher na cena teatral sob variados aspectos. Miranda, também é a responsável juntamente com Lucia Romano, Ciane Fernandes e Kátia Rodrigues Paranhos, pela abertura e coordenação do simpósio temático que discute o teatro dentro do Seminário Internacional Fazendo Gênero³.

Outro evento que evidencia a importância desta discussão é a produção do evento Vértice Brasil (2008 e 2010), sediado na cidade de Florianópolis (SC), coordenado por Marisa Naspolini junto com uma equipe, que organiza oficinas, debates e apresentações de espetáculos. Trata-se de uma iniciativa que visa ampliar e sedimentar uma versão brasileira para o Projeto Magdalena (The Magdalena Project) uma rede internacional de mulheres de teatro contemporâneo. Um importante espaço para que as mulheres possam produzir trabalhos que aprofundem suas reflexões a respeito de suas próprias experiências e a criação de um fórum para gerar visibilidade à produção teatral feita por mulheres.

Cito esses trabalhos pelo fato de suas contribuições serem relevantes neste âmbito, no entanto, acredito que a própria fomentação desta discussão na produção artística e acadêmica não se limitam a esses trabalhos, mas sim indicam perspectivas de iniciar aberturas de campo para este tema se desdobrar e receber sua devida atenção. Percebe-se assim a importância de continuarmos a desenvolver trabalhos que discutam a relação entre teatro e gênero.

Em busca de contribuir com essa discussão, convido para aqui dialogar a atriz-pesquisadora Ana Cristina Colla integrante do grupo Lume desde 1993. Como atriz colaboradora deste grupo participou dos seguintes espetáculos: Taucoauaa Panhé Mondo Pé (1993), Contadores de Estórias (1995 a 1997), Anoné (1995), Mixórdia em Marcha-Ré Menor (1996 e 1997), Afastem-se Vacas que a Vida é Curta (1997), Parada de Rua (1995...), Café com Queijo (1999...), Um Dia... (2000...),

² Atriz, diretora e professora da UDESC/CEART na graduação e pós-graduação. Responsável pelas pesquisas científicas: Poéticas do feminino e masculino e Poéticas feministas.

³ Espaço de grande relevância para a produção artística e acadêmica, pois está em sua segunda edição e já aponta indícios de interesse em se discutir a produção prática e reflexiva entre teatro e gênero.



Shi-zen, 7 Cuias (2003...), O que seria de nós sem as coisas que não existem (2006...). Como diretora criou o "Espiral- Brinquedo Meu" junto com o ator-músico Helder Vasconcelos e "Gaiola de Moscas", com o grupo Peleja. Sendo uma atriz que reflete a sua prática e o teatro brasileiro contemporâneo é autora do livro *"Da minha janela vejo... - Relato de uma trajetória pessoal de pesquisa no LUME"* no ano de 2006 e colabora com as publicações da revista Lume. Realiza pesquisas de clown, e a utilização cômica do corpo, a mimese corpórea, sempre estabelecendo o diálogo entre teoria e prática em seu trabalho. Ministra oficinas referentes às suas pesquisas num paralelo entre ação criadora e pedagógica. A opção por dialogar com esta atriz dá-se pelo fato de apresentar em seu trabalho artístico elementos que se organizaram de forma que há o reconhecimento da elaboração e criação de uma técnica cênica pessoal, advinda do processo de treinamento psicofísico desenvolvido no LUME.

Para os estudos sobre treinamento psicofísico o grupo LUME⁴ é uma referencia brasileira, isto pelo fato de que o treinamento, além de ser material de pesquisa para a edificação de uma técnica cênica pessoal de representação para a arte teatral, tornou-se a própria pesquisa, com elementos muito precisos e objetivos. Entretanto, consideram a pesquisa sobre a arte de ator/atriz como fundamental na aquisição de práticas corpóreas que permitam o conhecimento, o domínio e aprimoramento do seu instrumento de trabalho – seu corpo em totalidade, o humano como princípio, contando com a ética e compromisso do profissional neste ofício. A prática de treinamento dentro deste grupo passa por diferentes instâncias, como uma forma de desdobramento e aprofundamento de uma fase para outra. Não tenho a intenção de expor longamente essas práticas, pois já existem publicações sobre o assunto⁵, mas considero relevante situar sucintamente sobre o que se trata e quais são estes procedimentos. A importância de descrever estes procedimentos de treinamento do grupo LUME é para que possamos compreender os caminhos técnicos e situar o ambiente em que a atriz-pesquisadora Ana Cristina Colla se encontra. Assim, trago como referencia Burnier em sua obra “A arte de ator: da técnica a representação” (2001) na qual explica os procedimentos que sumário abaixo.

- “Treinamento Técnico” foi o princípio da pesquisa com o treino, para o grupo, este que tem em sua prática inicial um trabalho de aquecimento individual, em que o objetivo é acordar o corpo para uma atividade física que dinamize suas energias pondo-as em plena prontidão

⁴ LUME – Laboratório Unicamp de Movimento e Expressão. É um Núcleo de Pesquisas Teatrais fundado em 1985, por Luís Otávio Burnier. Maiores informações consultar o site: www.lumeteatro.com.br

⁵ Cito como exemplo os trabalhos publicados por: Luiz Otávio Burnier (2001); Renato Ferracini (2003 e 2006) Raquel Scotti Hirson (2006).



para o desenvolvimento do ato criativo. Este treinamento técnico é a aplicação de uma prática precisa e objetiva de forma a modelar o corpo colocando-o em relação a certos princípios de uso do corpo cenicamente.

- “Treinamento Energético” é um momento em que há a liberação do corpo para a eliminação de todos os bloqueios que existem no psicofísico, possibilitando um encontro consigo mesmo, em busca de encontrar algo novo que lhe seja próprio. Trabalhar profundamente com a dinamização das energias, tornando-se possível ultrapassar os limites do corpo e colocá-lo num determinado estado que possa fazer uma ligação com o mais profundo do seu ser e revelar o lado mais humano de sua pessoa. No desencadeamento deste processo o ator/atriz tem a possibilidade de se desenvolver, tanto em seu aspecto físico, quanto experimentar diferentes qualidades no movimento, diferentes dinâmicas, variação do grau de intensidades e explicitação da tonicidade adquirida.
- “Treinamento Pessoal” é uma variante do “Treinamento Energético”. Quando este se encontra num grau de apropriação corporal, começa-se a decupá-lo e fazer uma apresentação destes pré-fixados de forma que pode ser livremente trabalhado, serem organizados em diferentes ordens, com diferentes tempos e espaços. Dentro desta forma de composição acaba sendo possível descobrir novas possibilidades no encontro de uma nova corporeidade, é o momento em que a técnica abre um caminho, pelo qual torna-se possível traçar uma relação direta de reverberação nas intenções de cada pessoa. Sendo este o viés que possibilita a abertura para que a técnica tome vida.
- “Dança Pessoal” é a que tem por objetivo dançar as vibrações e energias potenciais dos códigos que foram codificados. Portanto, Burnier fala que esta é “a dinamização, por meio de ações físicas, de energias originárias e primitivas do ator/atriz (que se encontra normalmente adormecida)” (2001: 141). O estágio mais avançado desembocará na “Dança das Energias”, sendo este o momento em que o ator/atriz ultrapassa o código e concentra-se nas energias sobre o que está sendo trabalhado.

O LUME é um grupo teatral referência no Brasil e do Brasil, pois é um dos poucos grupos que mantém de forma consistente projetos de trabalho em longo prazo, desenvolvem pesquisas teatrais, tanto no âmbito artístico e quanto acadêmico, no qual apresentam técnicas codificadas e elaboradas com rigor e uma ética atrelada a sua filosofia de pensar e fazer um teatro de um modo próprio e comprometido com a arte, apresentando o humano como princípio. Segundo Ana Cristina Colla (2010) é através dos espetáculos, curso, trocas culturais, intercâmbios de trabalho, reflexão



teórica, o palco e a rua, que este grupo celebra o teatro como arte do encontro e como o espaço ideal de valorização do ser humano.

E neste encontro humano onde diálogo⁶ com Ana Cristina que também fala de seu espetáculo “Você” que teve a sua estréia em 2009 e foi parte prática da tese de doutoramento em artes de Ana Cristina que aconteceu em 2010. Este trabalho teve a direção de Tadashi Endo, que é ator-dançarino e traz, também, em suas referências, as tradições japonesas. Pois, segundo Ana Cristina, é a partir de Butoh que este artista-pesquisador abre possibilidades para encontrar novas abordagens para a dança. Butoh é uma das referências de procedimentos de criação de Ana Cristina neste trabalho solo. Segundo a mesma, trata-se de uma metodologia para a busca de uma elaboração técnica pessoal muito semelhante aos procedimentos da “dança pessoal”, já utilizada pelo grupo LUME.

A entrevista

Meire Silva- Há dezessete anos você trabalha em grupo no teatro LUME, este processo solo fez com que percebesse singularidades em seu processo criativo? Como acontece?

Ana Cristina Colla- *Quando se trabalha em grupo as singularidades acabam ficando evidentes nos aspectos que o seu trabalho se diferencia dos demais, principalmente quando a pesquisa é realizada num tempo tão longo, o que te permite passear por várias fases, desde o amalgamar-se ao outro até a sua diferenciação.*

M.S. - Quais as diferenças mais significativas, entre trabalhar em grupo e solo, estiveram ou está presente neste seu processo

A.C.C- *O processo de pesquisa para o espetáculo “Você” foi minha primeira experiência num trabalho solo, até o momento só havia trabalhado em criações conjuntas no Lume. Percebo o quanto o coletivo me é prazeroso e instigante, esse é o caminho que elejo para minha criação, pela troca e desafio constantes que a relação com o outro me propõe. Após um trabalho solo percebo que apesar de doloroso - você só pode contar consigo mesmo, claro que com o apoio das pessoas que você elegeu para estarem contigo - a intensidade na pesquisa se intensifica, você necessita se*

⁶ O diálogo aconteceu em forma de entrevista, via e-mail, este processo deu-se entre os meses de maio e junho de 2010.



apoderar de suas certezas para completar a jornada, seja no momento da criação seja no encontro com o público.

M.S. - Em sua carreira de atriz, o treinar o corpo é uma prática sempre presente. Poderia nos falar das relevâncias desta prática em seus trabalhos de criação, nos apontando quais foram as modificações que ocorreram neste procedimento ao longo do tempo?

A.C.C. - *Meu trabalho como atriz, após me graduar na Unicamp, sempre foi junto ao Lume, que possui uma prática diária de investigação, o que me leva a responder que não saberia trabalhar de outra maneira, foi assim que meu trabalho se solidificou e todas as conquistas que obtive foram consequência dessa prática. A prática diária te possibilita a descoberta e confronto com suas dificuldades e a ampliação de suas potencialidades. A cada dia um novo desafio é transposto, nem que seja simplesmente a vitória de permanecer na sala. É um espaço de surpresas e encantamentos.*

M.S. - Os teatrólogos: J. Grotowski, E. Barba e Luís Otávio Burnier discutiram a importância, em suas práticas e teorias, do processo de treinamento psicofísico, este que aborda como um dos aspectos o trabalho “sobre si mesmo”. Qual a sua perspectiva sobre o viés de trabalho “sobre si mesma” - em suas práticas e reflexões teatrais?

A.C.C. - *A resposta é complementar a pergunta anterior: eu não saberia fazer de outra maneira. Como atuar sem esse olhar para si mesma? Qual é o território de investigação do ator, senão o que lhe atravessa?*

M.S. - Em algum momento o trabalho “sobre si mesma”, aguça-lhe a percepção para este seu corpo feminino? Como isto se dá?

A.C.C. - *É claro que me aguça, esse é meu corpo, com seu peso, sua idade, sua fragilidade. Ao me debruçar sobre ele todas as suas especificidades afloram, mas também aflorariam se esse fosse um corpo masculino.*

M.S. - “... quão difícil, e nada simples encontrar a sua própria voz.” (p.22 de sua tese), neste processo você conseguiu escutar e falar a sua própria voz? Como acontece este processo?

“Descobrir a própria voz significa descobrir o mundo interior, a própria alma (...) Encontrar algo dentro de si mesma algo que não é frágil, que não é gracioso, gentil, mas que não é tão pouco rancor, amargura: é simplesmente a sua voz, que foi feita para dar calor, mas também para lutar.(Rasmussen, 1999, p24. Revista Lume 2/1999)



De alguma forma, você vê pontos de encontros ou convergências entre o seu processo e essa descrição acima feita pela atriz Iben Rasmussen?

A.C.C. - Sim. O processo de busca e descoberta de sua própria voz, leva ao encontro de sua força singular. Várias vozes surgem, a que acaricia, mas também a que fere.

M.S. - Ao identificar-se como uma mulher e brasileira pesquisando a prática teatral, como você percebe as práticas de outras mulheres no teatro brasileiro contemporâneo?

A.C.C. - Vejo que a mulher, cada vez mais, encontra seus espaços de criação e sua própria voz, mesmo em face das dificuldades que suas escolhas atuais lhes impõem. Manter uma família, criar os filhos, administrar uma casa, e ainda ter energia para criar. Pelas mulheres atrizes, produtoras, diretoras, técnicas, que me cercam, vejo-as lutando bravamente e pacientemente, pela conquista desses espaços, a ponto de interferir e modificar os contextos do qual fazem parte.

M.S. - As mulheres que você tem por tema em seu trabalho são presentes em sua vida, poderia falar de como foi a escolha destas para o tema e o processo de trazê-las para a cena?

A.C.C. - Na montagem do espetáculo “Você”, especificamente, é que fui buscar referências em pessoas presentes na minha vida, já que o mote criativo foram memórias pessoais de infância, e dentro desse cenário acabou por se destacar a figura da minha mãe, da minha avó e do meu pai. As demais mulheres presentes nos trabalhos anteriores foram todas coletadas em pesquisas de campo e observações feitas em diferentes regiões do Brasil, sejam em moradoras de rua de grandes cidades ou habitantes de pequenos povoados ou cidades ribeirinhas, sem nenhuma relação com o meu universo pessoal. Em ambos os casos, a eleição é feita pelo que me afeta, pela atração exercida pelo outro, seja ela consciente ou não. O que do outro vibra em mim a ponto de querer dizê-lo e assim me dizer através do outro.

No caso das mulheres presentes na minha vida, vejo os ciclos se repetirem, com variações referentes ao contexto social e histórico de cada época. Trazê-las para a cena foi uma maneira de me reconhecer.

M.S.- Você poderia falar de como pensa e constrói o feminino na cena teatral ou suas opções de representação da mulher no teatro?



A.C.C. - Sou mulher, assim nasci, me criei e gerei meus filhos (enquanto escrevo, um pequeno ser cresce em meu ventre). Vejo e percebo o mundo através dessa percepção de ser mulher. Nunca atuo pensando nessa condição, porque é algo que sou e não tenho como, nem desejo, me despregar. Na cena teatral busco o que me é singular, atravessado naturalmente pelo feminino.

M.S. - Qual a sua perspectiva sobre discutir teatro contemporâneo atrelado às questões de gênero, em meio a este contexto social e cultural brasileiro

A.C.C. - Acho importante lançarmos um olhar para a produção da mulher como ser criador, suas características e especificidades, inseridas em nossa realidade contemporânea.

De maneira generosa e prestativa Ana Cristina aceitou este diálogo, de forma a contribuir com as reflexões sobre a mulher no teatro legitimando as contribuições práticas e teóricas que estão sendo produzidas nesta linguagem artística.

A proposta é apresentar imagens da mulher, não mais em condição submissa que consolidam noções discriminatórias sobre a diferença sexual, mas sim articular reflexões que apresentem as mulheres ativas em diferentes esferas sociais, sejam elas na organização familiar, no trabalho, na sexualidade, nas escolhas de estilo de vida e na criação artística. Em busca de nos reafirmar com o tempo presente, se reconhecendo como agentes e criadoras, assim almeja-se contribuir com a realização deste processo histórico-social.

A história do teatro contemporâneo brasileiro está em processo de elaboração, portanto realizar pesquisas em que a presença e a voz da mulher criadora da arte teatral se façam presentes e ativas é fundamental. Pois, a negligência da história do teatro brasileiro, salvo raras exceções para este olhar feminino, é algo que deve ser revisto. Agora estamos vivendo um momento histórico no qual nos propicia aguçar o olhar, melhor reconhecer a produção e o lugar no qual as mulheres estão ocupando no teatro, na realização da história teatral brasileira.

Bibliografia

ARAÚJO, Laura Casto e GOMES, Andre Luis. **A personagem feminina na dramaturgia brasileira contemporânea.** in **Dramaturgia e Teatro: Intersecções.** [orgs. André Luís Gomes e Diógenes André Viera Maciel]. EdUFAL: Maceió. 2008. pp. 69-100

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

BURNIER, Luís Otávio. **A arte do ator: da técnica à representação.** Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.



- CARVALHO, Ênio. **História e formação do ator**. São Paulo: Ática, 1989.
- COLLA, Ana Cristina. **Da minha janela vejo... Relato de uma trajetória pessoal de pesquisa do LUME**. São Paulo. HUCITEC, 2006.
- COLLA, Ana Cristina. **Caminhante, não há caminho. Só rastros**. Tese de doutorado em Artes Cênicas. Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2010 (não publicada).
- FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.
- FERRACINI, Renato. **Café com queijo: corpos em criação**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild editores. Ed.: FAPESP 2006.
- GROSSI, Mirian Pillar. **Gênero, Violência e Sofrimento**. Antropologia em primeira mão volume 6. Publicação do programa de Pós-graduação em antropologia social da UFSC: Santa Catarina.
- GROTOWSK, Jerzy. **Em busca do teatro pobre**. Tradução de Aldomar Conrado. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 1976.
- ODDEY, Alison. **Devising Theatre: a practical and theoretical handbook**. London: Routledge, 1994.
- PISCITELLI, Adriana. **Recriando a (categoria) mulher?** in **Textos Didáticos: A prática feminista e o conceito de gênero**. ITCH/ UNICAMP número 48 – novembro de 2002.
- RASMUSSEN, Iben Nagel. **As Mudanças do Passado**. Tradução de Suzi Frankl Sperber. **ESCENA**, Milão, p. 3-4, setembro de 1979. in **Revista do LUME** número 2/1999; pp. 17-30.
- SANDER, Lucia V. **Ofélia explica ou O renascimento segundo Ofélia & Cia**. Brasília- DF : Minha gráfica e editora, 2009.
- SANTOS, Valmir (org.). **Aos que virão depois de nós – Kassandra in Process: O Desassombro da Utopia**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.
- SILVA, Rosimeire. **O treinamento psicofísico: em busca da corporeidade feminina**. Trabalho de conclusão de curso na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/CEART, no ano de 2006, (não publicado)
- VINCENZO, Elza Cunha, **Um teatro da mulher**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- Site:
- www.loucas.org.br - acesso em de junho de 2010, 21: 54h.
- www.luciasandersusanglaspell.com – acesso em 14 de junho de 2010, 10:56h
- www.lumeteatro.com.br - acesso em 13 de junho. 2010, 18:05h.
- www.verticebrasil.net – acesso em 29 de maio de 2010, 12:22h.